

O MEDO VERMELHO: REPRESENTAÇÕES SOBRE O COMUNISMO E SEUS DERIVADOS EM JORNAIS PARAIBANOS (1960-1964)

Amelia Neta Diniz de Oliveira¹
José Adilson Filho²

RESUMO

O presente artigo é resultado das pesquisas realizadas no projeto PIBIC-UEPB (cota 2015-2016) intitulado “O medo vermelho: Representações sobre o Comunismo e seus derivados em jornais Paraibanos (1960-1964)”, coordenado pelo professor Dr. José Adilson Filho. Nesse primeiro momento procuraremos analisar representações em torno da palavra Comunismo, como também analisar que tipo de matérias circulavam em periódicos paraibanos. Esse trabalho contempla o momento de pré-golpe de 1964 nas cidades Paraibanos, com destaque para Campina Grande e João Pessoa. Como fontes, utilizaremos os periódicos do Jornal Correio da Paraíba (1953) e Diário da Borborema (1957), jornal esse que encontra-se em fase de catalogação pela Universidade Estadual da Paraíba desde o mês de Abril de 2015, ficando assim para o segundo momento da pesquisa. Como aportes teóricos utilizaremos Daniel Arão (1993); Rodrigo Patto (2002, 2014); Jorge Ferreira e Ângela de Castro (2014); Carlos Fico (2014); Marcos Napolitano (2014); e Rocher Chatier (2010), contribuindo com o conceito de representação. Nesse sentido, utilizaremos apontes da Nova História Política e Cultural para dar sentido às análises e representações em torno do comunismo.

Palavras-chave: comunismo, medo, jornais paraibanos.

INTRODUÇÃO

Assim como no restante do mundo, no Brasil o comunismo sempre foi tratado como algo negativo, Segundo CAPELATO (2009) a representação do comunismo foi sempre relacionada a analogia negativa que invoca as trevas. Muitas vezes comparado com uma doença que poderia matar a nação, para muitos, o comunismo tinha que ser combatido como um câncer, para que não Professor orientador, Doutor em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba. Professor titular da Universidade Estadual da Paraíba, Brasil contaminasse tudo ao seu redor. Logo assim, podemos destacar que desde o período da revolução de 1917, o Brasil tem sido inserido nesse debate.

Quando falamos em Comunismo, podemos destacar que esse tema tem despertando interesse de alguns pesquisadores, no espaço acadêmico. Entre eles sociólogos ou historiadores. Em 2014 completamos 50 anos do golpe- civil militar brasileiro, que durou 21 anos.

Dessa maneira torna-se imprescindível que tomemos consciência dos fatos que contribuíram para eclosão desse evento, ressaltando assim, a importância de compreender, o que é o comunismo. Pois o não conhecimento desse assunto, contribuir para aqueles que não o conheciam, pudesse acreditar facilmente em tudo, que lhe era apresentado, ajudando assim aos que apoiaram o golpe, pois induziram a população³ a apoiar um golpe, que tinha

¹ Aluna do curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba. Trabalho apresentado em simpósio temático de História Política. Julho de 2016. E-mail: ameliadiniz.uepb@gmail.com.

² Professor orientador, Doutor em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba. Professor titular da Universidade Estadual da Paraíba, Brasil E-mail: adilsonclio.bol.com.br.

³ Quando nos referimos a população, não fazemos, nenhuma distinção social, por entender, que nesse movimento, estavam inseridos, todas as classes sócias.

como principal objetivo, livrar o Brasil do fantasma do Comunismo.

Estamos no ano de 2016, vivenciados momentos tensos na política brasileira, e ainda hoje durante algumas manifestações, é comum que vejamos pessoas que utilizam cartazes que enfatizem o perigo do comunismo, como ameaça à democracia, para isso torna-se interessante que realizemos alguns discussões conceituais, com o objetivo de que possam ficar mais evidente, alguns conceitos em torno do comunismo.

IDENTIFICAÇÃO DO PROBLEMA, “O MEDO VERMELHO”

O medo é algo comum a todos os seres humanos, pois, transcende as fronteiras do tempo e do espaço físico. Logo assim podemos perceber que, o medo é constituído em torno de uma época ou da inscrição geográfica, invade a vida das mulheres e homens dos mais diversos grupos sociais. Todavia, podemos destacar que, o medo não é uma exclusividade humana, pois todas as espécies de animais o expressa.

Entretanto, ao contraio dos animais, com o homem *sapiens*, o medo adquire múltiplas formas de expressões, que pode variar de acordo com as tonalidades, símbolos e significados, nas quais estão inseridos os atores e suas tramas. Desse modo o medo humano é portanto, uma sensação rizômática⁴, extemporânea, múltipla e complexa.

Contudo, apesar do seu aspecto rizômático e extemporâneo, cada época cria e resinifica seus medos e suas formas de representações, como também desenvolver estratégias para combatê-las. É necessário destacar que há sensações que afetam apenas alguns indivíduos em sociedade, enquanto outras são compartilhadas por uma grande parcela da sociedade. Podemos observar que as mesmas sensações podem variar e adquirir, maior ou menor impacto, conforme as classes sociais, os grupos, as culturas que os manejam e as regiões onde são plasmados.

Na modernidade, época histórica na qual a razão e a ciência são celebradas, paradoxalmente, as sensações de medo se multiplicam e espalham de um jeito mais intenso e criativo, sobretudo devido ao aspecto das informações, via internet, tudo se torna público muito rápido a informação em questão de segundos, são compartilhada e visualizada, por centenas de pessoas. Todavia, tal realidade pode ser considerada fugaz, autodestrutiva e precária da própria “natureza” do mundo moderno, aumentando assim as incertezas em torno do futuro, contribuindo assim, para a geração que busca acima de todos os preceitos, ordem e segurança.

Analisando essa questão da modernidade, podemos destacar que, essa modernidade estar pautada, na instabilidade que o capitalismo e as incertezas e os medos não cessam de fabricar figuras do mal. É justamente nesse cenário, que a produção da figura do outro, como inimigo, tornando-se assim perigoso para ordem dos valores, não obstante regra e estratégia fundamental para sua manutenção.

Esse cenário vai ser modificado, principalmente depois da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), é sob o esteio da chamada Guerra Fria, fruto da disputa pela hegemonia internacional entre os EUA e a URSS, nota-se de maneira sintomática nos países capitalistas, a construção do Comunismo e seus derivados com a representação do perigo e do mal, que esse comunismo, pode causar as famílias e a nação.

As representações nos remetem as classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real; e são sempre “marcadas pelos interesses dos grupos que as forjam”. As representações, portanto, podem fazer ver e fazer crer

⁴ Expressão utilizada por Deleuze, a respeito do termo, rizoma, que é um modelo de resistência ético, estético – político, trata-se de linhas e não de formas. Por isso o rizoma pode, fugir, se esconder, e se confundir.

no ausente, e esse poder de evocação tem efeitos de mobilização (conjunto de práticas). Assim além de produzir efeitos do real. As representações representam efeitos no real de cada sociedade. (CHATIER, pag.48).

ANTECEDENTES DO COMUNISMO

Para melhor compreensão sobre o tema torna-se imprescindível que realizemos uma breve discussão em torno do momento que antecedeu esse “Medo Vermelho”, como também tentar compreender de que maneira o Brasil, foi desenvolvendo, esse sentimento anticomunista. Levando em consideração esse momento de instabilidade na política brasileira atual, devemos discutir conceitos que nos digam o que é de fato o comunismo? Quem eram ou são os comunistas? Como também as intencionalidades dos discursos daqueles que faziam campanhas contra o comunismo?

Segundo Rodrigo Patto de Sá (2000), os anticomunistas seriam indivíduos e grupos dedicados a lutar contra o comunismo, seja pela palavra ou ação. A base de sua atuação, estaria centrada, portanto, numa altitude de recusa militante ao projeto comunista, ressaltasse que o comunismo é visto como se fosse uma síntese marxista-lenista, organizada do bolchevismo e do método soviético.

O ambiente que é instaurado o medo do comunismo, é um de imensa heterogeneidade, característica inerente a um movimento ideário que se constituíam, como algo que pode ser contar ou ser a favor de algo. Não se deve estranhar o fato de que a união e atuação conjunta ocorresse raramente, em momentos críticos. Dessa maneira tal cooperação, envolvendo as diversas facetas anticomunistas, tendia sempre a se tornarem efêmeras, durando enquanto o período comunista fosse considerado grave.

Mesmo que possamos levar em conta esse ambiente de heterogeneidade, ou talvez por causa da época, o fato é que o anticomunismo tornou-se uma força decisiva nas lutas políticas do mundo contemporâneo, alimentando e estimulando pela dinâmica do inimigo que era sua razão de ser, o comunismo. O que deixa um pouco complexo nosso trabalho, é a facilidade que as pessoas tem de utilizar o termo comunista, muitas vezes de maneira errônea, ou pouco reflexiva. Nas palavras do próprio Karl Marx, comunismo foi efetivamente um espectro, no sentido de que sempre foi visto como uma ameaça, que pode causar sofrimento, sempre rondando a sociedade capitalista.

Podemos destacar que o comunismo sempre causou sofrimento a sociedade capitalista, na verdade funcionou sempre como um fantasma que assombraria o capitalismo. Entretanto podemos destacar que essa afirmação de Marx foi feita no século XIX, mas ela se aplica melhor no séculos XX e XXI, ainda na atualidade podemos destacar que o “fantasma” adquiriu um poder sem precedentes, pois consegue amedrontar os setores mais conservadores da sociedade.

Devido a esse caráter de fantasma do comunismo, podemos afirmar que o comunismo, pode chegar a causar um mal na civilização, pois afeta os mais diversos segmentos das classes sociais, mais devemos atentar para a real finalidade do comunismo, como nos mostra Freud, no Mal estar da civilização em 1929.

Os comunistas acreditavam haver encontrado o caminho para a redenção do mal. O ser humano é inequivocamente bom, bem disposto para com o próximo, mas a instituição da propriedade privada lhe corrompeu a natureza. A posse de bens privados dá poder a um indivíduo, e com isso a tentação de maltratar o próximo: o despossuído deve se rebelar contra o opressor, seu inimigo. Se a propriedade privada for abolida, todos os bens forem tornados comuns e todos os homens puderem desfrutá-las, desaparecerão a malivalência e a inimizade entre os homens, com todas as necessidades estarão satisfeitos, ninguém terá motivo de enxergar no outro um inimigo. E todos se encarregarão espontaneamente do trabalho necessário. (FREUD, pag.79)

De acordo com essa passagem do Mal Estar da Civilização, de Freud, podemos observar o real sentido do comunismo. Entretanto podemos ressaltar o comunismo era um sistema praticamente fadado ao fracasso, levando em conta, o assombro causado ao capitalismo.

Segundo Rodrigo Patto de Sá (2000), “O comunismo despertou paixões intensas e opostas o dos defensores, encaravam se como revolução libertadora e humanitária, que abriria acesso ao progresso econômico e social: do outro ponto de vista, o das detratores, viam em uma desgraça total, a destruição da boa sociedade e a emergência do caos social e do terror político”

Dessa forma podemos destacar que aqueles que se sentiam ameaçados pela “ameaça comunista” ou “medo vermelho” tratava-se de se organizar em contraofensiva visando combater esse “projeto” tido por alguns como revolucionário. Portanto, podemos afirmar nitidamente que o sentimento anti-comunista nasceu pelo medo e insegurança.

Segundo Rodrigo Patto de Sá, no decorrer do século XX, o conflito opondo comunismo e anticomunismo ocupou uma posição central, colocando-se como elemento destacado na dinâmica política, cultural e nas relações internacionais. Diante desse perigo vermelho mundial, entendemos que torna-se imprescindível que possamos compreender os acontecimentos mundiais, pois não compreendê-lo sem para sem levar em considerações os embates em torno da Utopia Comunista⁵.

Como já mencionado anteriormente, esse debate ficou mais evidente no mundo pós guerra, pois o comunismo se tornou uma força planetária, pois estados da Ásia, América e África (além da Europa Oriental), começaram a aderir ideias de Marx, rompendo assim com o isolamento da União Soviética.

Como resposta da área sobre influencia soviética, os Estados Unidos. Como sempre, se propuseram a desempenhar o papel principal da fortaleza anti comunista, tomaram para si a tarefa de desenvolver uma guerra contra o “perigo vermelho”, como podemos observar não é a primeira vez que isso acontece, ressaltando assim a capacidade que os EUA, sempre tem de resolver os problemas da humanidade. Vale ressaltar que não foi a primeira vez que os EUA, faz esse tipo de estratégia⁶.

Fazendo uma relação com os acontecimentos ocorridos no Brasil, onde podemos destacar que já ficou comprovado que os EUA, apoio o golpe-civil-militar, pois tinham interesses em, que esses golpe acontecesse. Todavia o maior plano era retirar do poder o presidente João Goulart, pois acreditavam que desde da época que era o vice de Jânio Quadros, já tinha vontade de implantar o comunismo no Brasil.

O golpe de 1964 não foi um movimento essencialmente antirreformista mas sobretudo anticomunista. Parte dos apoiadores do golpe era favorável a reformas, desde que afastado qualquer perigo de radicalização e fortalecimento de lideranças revolucionárias. (PATTO DE SÁ, pag.9).

OBJETIVO DA PESQUISA

O principal objetivo da nossa pesquisa intitulada “O medo Vermelho” é ressaltar o sentimento anti -comunista, que foi sendo instaurado através dos discursos, fossem eles pelos jornais, rádio, televisão e setores ligados a política local, um deles é o próprio arquivo

⁵ Utilizamos esse conceito, Utopia Comunista, para que possamos compreender que na maioria das vezes o comunismo, não passou de mera utopia, o que aconteceu na maioria das foi, um medo causado sem precedentes.

⁶ Estratégia é uma especialidade militar, que se baseia em planejar ações de guerra. Nesse sentido, podemos destacar que Estratégia, aqui é utilizada para que possamos entender as manobras e planos que podem ser utilizadas para que determinados objetivos fossem colocados em prática.

da câmara municipal de vereadores de Campina Grande(Casa de Felix Araújo), onde tivemos acesso a atas de reunião referentes ao período de (1960-1964), nelas podemos observar que o próprio presidente da câmara, o senhor João Jeronimo da Costa, falava a todo momento sobre o medo de que os comunistas, conseguisse se instalarem no Brasil.

Nesses documentos é importante ressaltar os constantes agradecimentos sempre foram preferidos aos militares, pois segundo o próprio presidente da câmara de vereadores de Campina Grande, foram eles que salvaram o Brasil, pois não permitiram que o Brasil, fosse tomado por comunistas.

“Graças ao espírito cristão do povo brasileiro, democracia foi tomando novas cores dentro dos moldes onde ele pode afirmar-se. Restaurou-se, por fim, a legalidade verdadeira. A legalidade sem as reformas comunistas, sem os brizolas, sem os pelicanis, sem os rifs, sem os CGT, por fim raiou no horizonte o sol da liberdade: Goulart deposto pela própria democracia. Mais adiante afirmou que: “Goulart fez um governo comunista sem ser adepto do credo vermelho”. Foi pressionado pelos verdadeiros inimigos da Pátria e desceu. E porque ele não reagiu a esse movimento “democrático”? Porque foi traído pelos próprios comunistas pois são verdadeiros peritos em praticar a traição. Finalizou, tecendo elogios à atuação que tiveram os governadores Aldemar de Barros, Magalhães Pinto e Carlos Lacerda, bem como parabenizando os generais Amauri Kruel e Mourão Filho e Moraes Ancora. Líderes desse movimento legalista, e que impediram o governo de rasgar nossa carta Magna. (RAMOS, 15 de julho de 1964, p. 3).

Desta maneira devemos ressaltar a importância de se trabalhar as concepções em torno do “Medo Vermelho”, que é carregado de muitos sentidos, que de muitas maneiras, terminam sendo utilizados de maneiras diversas. Todavia o objetivo desse trabalho é justamente trabalhar com as concepções em torno do comunismo e de seus derivados em jornais Paraibanos, como também tentar compreender de que maneira esses tipos de discursos chegavam a população de uma maneira mais geral.

No que diz respeito a outros trabalhos sobre o tema Comunismo e anti comunismo, na Paraíba, temos uma grande carência de trabalhos nessa área, existe uma verdadeira lacuna sobre esse tema, dessa forma sofremos um pouco a buscar elementos que possam contribuir com nosso trabalho na historiografia paraibana. Uma das produções mais relevantes da historiografia paraibana sobre o comunismo, é o trabalho de Faustino Teatino, destacando assim o seu pioneirismo na discussão sobre o anticomunismo na Paraíba de (1917-1945).

NOVO CONCEITO DE FONTES HISTORIOGRÁFICAS

No desenvolvimento da nossa pesquisa busquemos sempre um maior suporte na historiografia brasileira, por tem uma quantidade maior de trabalhos nessa área questões relativas ao “anti - comunismo e comunismo. Pensar sobre a concepção da história, pode ser produzida por meio de periódicos é algo relativamente novo. Como assegura a historiadora Tania Regina de Luca, que afirma que na década de 1970, havia um número pequeno de trabalhos que se valia de jornais e revistas, como fonte para o conhecimento da História no Brasil.

Desta forma podemos destacar que o ideal da busca pela verdade, não contribuía muito para o uso das fontes. Para essa situação colaborou a cultura historiográfica predominante no século XIX e as décadas iniciais do século XX, que tinham como meta de alcance da verdade dos fatos. Desta forma o historiador não se valer de fontes como os jornais que eram vistas como enciclopédias do cotidiano, acreditando-se que esses jornais continham apenas fragmentos do presente, realizados a partir de interesses, compromissos e

paixões.

A *escola dos Annales* na década de 1930 já criticava esse tipo de concepção, que não se abria para novas possibilidades no campo da pesquisa historiográfica, pois a Escola dos Annales, já lutavam pela renovação de temas e problemáticas e os procedimentos metodológicos da disciplina história. Mas vale ressaltar que essas críticas não resultaram no uso imediato da imprensa, como fonte histórica, continuou na escuridão.

Esse cenário só veio mudar um pouco no século XX, na França, com a terceira geração dos Annales, quando se realizou um deslocamento, sem negar a relevância das fontes de ordem natural perceptíveis da longa duração, além de natureza econômica e demográfica, levados a efeito a partir de novas fontes possíveis de tratamento estático com novos objetos, problemas e abordagens.

Diante de tantas mudanças no campo historiográfico, também se redimensionou a concepção de documento até então predominante, cuja as bases foram bem trabalhadas e descritas pelo historiador de Le Goff que discute a questão do Documento/Monumento, tratando assim da revolução documental, promovida pelos Annales, no qual questionavam os fundamentos da Historiografia Positivista, onde se acreditavam em uma ciência histórica com base justamente no documento escrito, erguido assim como prova de objetividade.

O que se torna mais evidente nesse momento é o alargamento do campo da história, a renovação temática aparece nos campos de pesquisas, podendo destacar o uso: do mito das mentalidades, as práticas culinárias, o corpo as festas, os filmes, os jornais enfim se abre um miríade de possibilidades, todas essas possibilidades era ausentes no campo da história, antes da Escola dos Annales.

Entre tantas questões mencionadas ao longo da discussão, cabe ressaltar também a importância do “retorno” da História Política nos Annales, que se deu justamente na terceira geração, por volta de 1976, chegando assim outras discussões e preocupações que anteriormente havia sido silenciadas. A história Política passa assim ocupar um lugar de destaque na produção historiográfica, e aumentar o campo de debate com outras ciências, como: Ciências Sociais, Sociologia e Antropologia.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA OU REVISÃO DE LITERATURA

Não é de hoje que o tema comunismo e anticomunismo, vem sendo alvo de muitos debates no meio acadêmico. Muitas destas reflexões chegam até nós estudantes de graduação, e professores, através de livros, artigos e de comunicações orais nos vários eventos que discutem a temática da história. Debates em torno do estigma criado em torno do comunismo, atravessam nossa história, seja no espaço mundial e nacional, e notamos muitas vezes que o significado e a interpretação desse conceito tem causado muito estranhamentos em alguns debates fora do espaço acadêmico.

Em relação ao objeto de nosso trabalho, que se concentra na análise das ressonâncias da História Cultural, encontramos muitos referenciais teóricos. Autores como Chatier e Burke nos ajudarão a compreender o conceito de Representação.

O MEDO VERMELHO, EM JORNAIS PARAIBANOS

A pesquisa constitui-se da análise e compreensão das mudanças teóricas e metodológicas que ocorrem no campo da História. Para a realização desse projeto, buscamos trabalhos da historiografia local e nacional, que contemple esse período de (1960 -1964). Como também procuramos realizar algumas visitas nos museus, secretaria de cultura e Câmara Municipal de Vereadores, com objetivo de colher matérias que possam nos auxiliar

na compreensão sobre o “Medo Vermelho”.

Todavia, nosso trabalho é pensado de maneira que possamos trabalhar sobretudo com Jornais paraibanos. Dessa maneira, fomos em busca dos arquivos de dois importantes jornais paraibanos, o primeiro foi o Jornal Correio da Paraíba, situado na cidade de João Pessoa, nesse jornal, podemos observar a recepção de todos os movimentos da política nacional, destacando também a postura do jornal, que se demonstra uma postura mais imparcial dos fatos.

Uma das maiores limitações da nossa pesquisa infelizmente é não poder contar com o acesso do acervo do Diário da Borborema, que se encontra sobre guarda da Universidade Estadual da Paraíba desde de Abril de 2015, e até o presente momento não foi disponibilizado absolutamente nada para pesquisa. Prejudicando assim não só os estudante do curso de História da UEPB, mas toda a comunidade acadêmica de maneira mais geral que anseia pela abertura desse arquivo, levando em conta a riqueza de matérias que circularam durante seus anos de circulação para através dos periódicos tentarmos compreender como o jornal noticiava as ameaças do comunismo nas cidades paraibanas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desse trabalho podemos concluir que o período de (1960-1964,) terminou por se configurar como um período muito conturbado da nossa História política, pois em todo o Brasil podemos observar as cassações de mandatos políticos. Como também “o medo da população que assistiam aos horrores causados pela ditadura militar”, ao se depararem com cassações e perseguições não só de políticos (vereadores, prefeitos, deputados), mas também de muitos estudantes e líderes populares que se posicionavam contra qualquer projeto ditador.

Diante de um momento tão crucial da Nova História Política, podemos destacar a existência de alguns trabalhos sobre o Golpe civil-militar no estado da Paraíba, entretanto devemos observar as múltiplas lacunas existentes na nossa historiografia, quando mencionamos o fato de se trabalhar com o comunismo e anticomunismo na década de 60. Portanto reafirmar nosso objetivo em relação as intencionalidades utilizadas para a produção desse artigo, no qual tentamos demonstrar alguns resultados de nossa pesquisa, utilizando o Jornal Correio da Paraíba, com a finalidade de buscar discursos sobre o comunismo na Paraíba, nos quatro anos que antecede o golpe de 1964, todavia colaborando também no exercício de análises de trabalhos atuais sobre o tema.

REFERÊNCIAS

ADILSON FILHO, José. **Cidade e Jardinagem social. Ambivalência sócio espacial, estigma e segregação na cidade Belo Jardim (PE)** João Pessoa: UFPB, 2011.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales**. São Paulo: UNESP, 1991

CAVALCANTE NETO, Faustino Teatino. **Ameaça vermelha: O imaginário anticomunista na Paraíba (1917-1937)**, Recife, 2013.

FERREIRA, Jorge; GOMES, Ângela de Castro. **1964: o golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil**. 1 ed. Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 2014.

FICO, Carlos. **O golpe de 64**. Momentos decisivos. Rio de janeiro: FGV, 2014.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Tradução: Paulo César de Souza. 1 ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

LUCA, Tania Regina de: **“Fontes Impressas: História por meio dos periódicos”**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.) Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2006.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **As universidades e o regime militar: cultura política brasileira e modernização autoritária**. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o “perigo Vermelho”, o anticomunismo no Brasil (1917-1964)**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

NAPOLITANO, Marcos. **1964. História do regime militar brasileiro**. Campinas: Contexto, 2014.